

A Invasão Paraguaia do Rio Grande do Sul: Apogeu e Crise

Mário Maestri
Doutor - PPGH UPF
maestri@via-rs.net

Resumo:

Em 15 de abril de 1864, após as deliberações no Império sobre a intervenção no Uruguai, iniciam-se a mobilização tropas paraguaias, em Encarnación/Itapúa, possivelmente destinadas à guerra com a Argentina mitrista. Em 10 de junho de 1865, aquelas tropas invadiriam São Borja, na província do Rio Grande do Sul, sob o comando do tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, já como parte da guerra contra o Império do Brasil. O artigo historia os percalços dessa invasão, até a ocupação da vila de Uruguaiana, início da crise final da divisão expedicionária paraguaia enviada contra o sul do Brasil e de toda a operação ofensiva da República do Paraguai.

1. Guerra da Tríplice Aliança; 2. Invasão do Rio Grande do Sul; 3. Ocupação de Uruguaiana

Em 15 de abril de 1864, em Asunción, Paraguai, Francisco Solano López [1827-1870] ordenou que o major Pedro Duarte [1829-1903] arregimentasse, concentrasse e treinasse dez mil soldados - infantaria, cavalaria, artilharia - na vila de Encarnación/Itapúa, na margem direita do rio Paraná. Para tal, o então comandante militar dos departamento de Misiones determinou que os responsáveis dos partidos [divisão política] da região convergissem imediatamente para aquela vila em torno de cinco mil alistados.

Em Encarnación, organizaram-se também depósitos de madeiras para a construção de carretas para transportarem as canoas necessárias à travessia do rio Uruguai. Em janeiro de 1865, Pedro Duarte recebeu ordens de atravessar com suas tropas o rio Paraná e estabelecer acampamento no povoado de Pindapoy, no outro lado do rio Paraná, já em território missioneiro. Em 27 de abril de 1865, um anos após o início do recrutamento, por ordens superiores, o major Pedro Duarte entregou o comando supremo das tropas que organizara ao tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia. O pequeno corpo de exército, de 12 mil homens, organizado pelo major Pedro Duarte, fora acrescido com tropas chegadas do acampamento de Cerro León. Ele era formado em parte por recrutas treinados, em processo de treinamento e por dois batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria, ainda desarmados. [GAY, 1980, p. 22-21; ZEBALLOS, 2015, p. 122 *et seq*; ESTIGARRIBIA, 1965, p. 131]

As tropas comandadas pelo tenente-coronel Estigarribia destinavam-se a invadir o Rio Grande do Sul, através de São Borja, a apenas 150 km, *a vol de l'oiseau*. A rota Encarnación/Itapúa-São Borja fora o caminho tradicional do comércio internacional

paraguaio durante todo o governo francista [1813-1840] e parte do período lopizta [1842-1862], até a derrota de Juan Manuel de Rosas, em Monte Caseros, em 1852, e a abertura da navegação para o Prata ao Paraguai. [MAESTRI, 2015, 151 *et seq.*] Nesse momento, em meados de 1865, os 25 mil soldados do general Estanislao Robles, mais os 12 mil de Estigarribia, perfaziam 37 mil homens. Se agregássemos a esse contingente uns dois mil homens no Mato Grosso e as guarnições de Asunción e de Humaitá, além de destacamentos dispersos no Paraguai, ficaríamos muito longo dos 80 mil soldados paraguaios propostos, por grande parte da historiografia especializada, como mobilizados no início da guerra.

Partem as Primeiras Tropas

Em 5 de maio de 1865, concomitantemente com o avanço do general Wenceslao Robles [?-1866] em direção à cidade de *Corrientes*, na Argentina, na margem esquerda do rio Paraná, e quando já se completara a ocupação do sul do Mato Grosso, partiu de Encarnación/Itapúa avançada, comandada pelo major Duarte, de quatrocentos infantes e cavaleiros, por ordens do tenente-coronel Antonio Estigarribia. A coluna devia empreender operação de reconhecimento e ocupação do povoado argentino de Santo Tomé, na margem correntina do rio Uruguai, diante da vila de São Borja, onde chegou, cinco dias mais tarde, sem encontrar resistência. A aldeia de Santo Tomé possuía 54 moradias, sendo quatro telhadas e as restantes simples choupanas de coberturas palha. O major teria entrevisto a povoação rio-grandense de São Borja no outro lado do rio Uruguai. Em Santo Tomé, o comandante paraguaio recebeu informações precisas sobre as forças imperiais dos poucos habitantes que ali permaneciam – quatro comerciantes estrangeiros, cinco *índias* velhas e um jovem. A maioria dos habitantes fugira, ao saber da aproximação dos paraguaios. [FRAGOSO, 1957, Vol. 2, p. 101; GAY, 1980, p. 22 *et seq.*]

¹

Apesar da ordem direta de Francisco Solano López, de 21 de maio de 1865, enviada desde Asunción, a divisão paraguaia sob o comando de Antonio Estigarribia partiu apenas no dia 31 de maio, sem muita pressa, para as margens do rio Uruguai, onde, após ocupar a antiga vila missioneira de Santo Tomé, a mais de trezentos quilômetros da cidade de Corrientes, cindiu-se em duas colunas. Sob o comando de Antonio Estigarribia, o grosso das tropas cruzou o grande rio em 10-12 de junho, atacando e ocupando praticamente sem combates a vila de São Borja. Após saquear o rico entreposto comercial missioneiros rio-grandense, já desertado pela população, Estigarribia marchou em direção à vila de Itaqui e, a seguir, para a vila de Uruguaiana, ocupada em 5 de agosto de 1865.

Fora Solano López que determinara a divisão das colunas. Em 25 de agosto de 1865, o próprio *mariscal* explicara, em carta, ao general Resquín, a razão da questionada partição das tropas. A ‘pequeña columna del mayor Duarte no tenia más objeto que la

¹ Parte de Juan de la Cruz Estigarribia a Francisco Solano López, acampamento de Pindapey, 12 de maio de 1865. [ESTIGARRIBIA, 1965, p. 94, 101.]

exploración de la costa derecha del río Uruguay, para conservar al comandante Estigarribia segura su retirada en cualquier parte, y pasar a la banda izquierda a reforzar el cuerpo principal en el caso necesario y ser engrosado por ese mismo cuerpo cuando fuese amenazado por fuerzas mayores en la exploración de la derecha”, [CARDOZO, 1968, V. 2. p.187.]

Segundo o cônego franco-brasileiro João Pedro Gay [1815-1891], cronista-participante desses sucessos, Antonio de la Cruz Estigarribia, natural “do Partido de Jaguarón”, no Paraguai, era “homem de seus quarenta e tantos anos, alto, trigueiro, nem grosso nem delgado de corpo, taciturno”, de porte “militar”. Ele falava pouco e dominava escassamente o espanhol, “expressando-se quase sempre em guarani”. Participava da coluna como capelão do exército expedicionário o *padre vigário* Santiago Esteban Duarte López, de uns “trinta e tantos anos, branco, de estatura regular, grosso de corpo, alegre, pouco conversador e mui vivaz”. O cura seria homem rico, proprietário de terras. Sobretudo, era um extremado lopizta e considerado pelo cônego João Pedro Gay como verdadeiro inimigo privado. [GAY, 1980, p.71-72.]

Por sua vez, após cindir-se, em Santo Tomé, a coluna Pedro Duarte acompanhou, do outro lado do rio Uruguai, em território argentino, a progressão de Estigarribia e seus comandados, até o malfadado fim da pequena tropa, no combate de Yatay, em 17 de agosto de 1865. Pedro Duarte [1829-1903], filho de criadores de Ñeembucú, ingressara na tropa como soldado, aos quinze anos, em 1844, já sob o governo de Carlos Antonio López, como era de praxe no exército de primeira linha formado pelo dr. José Gaspar de Francia [1813-1840]. [MAESTRI, 2015, 93 *et seq.*] Em 1851, após sete anos de serviço, ascendeu a cabo e, seis anos mais tarde, a tenente. Pedro Duarte teve que esperar, até 1862, para ser nomeado capitão. Em fevereiro de 1864, já sob o rufar dos tambores, foi promovido a sargento-mayor [major]. Ele teria acompanhado Solano López na viagem de mediação, de 1859, entre o unitário Bartolomé Mitre e o federalista Justo José de Urquiza, assistindo à batalha de Cepeda. Além da Argentina, conhecia o Uruguai e todo o Paraguai, devido às missões oficiais que assumira. Era tido como administrador e organizador confiável, tendo desempenhado diversas funções administrativas, civis e militares. Ao lado de suas atividades no exército, ocupava-se na criação de gado. Sua primeira língua era o guarani e falava o espanhol com dificuldade. [ZEBALLOS, 2015, p. 136-7.]

A vila São Francisco de Borja, escolhida pelo alto comando paraguaio como porta de ingresso no Rio Grande do Sul, fora o primeiro dos Sete Povos missioneiros a ser fundado, por jesuítas espanhóis, nos distantes anos de 1680. No momento da invasão, era a principal aglomeração na fronteira noroeste do Rio Grande do Sul. Nos tempos de José Gaspar de Francia, São Borja fora a grande ligação comercial do Paraguai com o Brasil e com o exterior. Por décadas, da vila de Itapúa/Encarnación, partiram comboios de carretas de comerciantes paraguaios que cruzavam as Misiones em direção ao povoado de Santo Tomé, na margem direita do rio Uruguai. Nesta povoação, as mercadorias eram

embarcadas e desembarcadas na outra margem, no passo de São Borja, nas proximidades da vila de mesmo nome, já no Rio Grande do Sul. Em direção contrária, as mercadorias exportadas desde o Brasil seguiam o mesmo trajeto. [MAESTRI, 2015, p. 100 *et passim*.] Com a derrota de Juan Manuel de Rosas, em fevereiro de 1852, o Paraguai restabeleceu os contatos comerciais internacionais através do Prata, decaindo aquele eixo comercial. São Borja, no Rio Grande, e Itapúa/Encarnación, no Paraguai, eram também espécie de janelas abertas pelas quais as autoridades dos dois países se observavam. [TEIXEIRA, 2012. p.31 *et. seq.*]

Vanguarda Paraguaia

Em 8 de maio, em São Borja, soube-se através de brasileiro escapado aos paraguaios que tropas inimigas - a vanguarda comandada pelo coronel Pedro Duarte - penetravam no departamento correntino de Santo Tomé e marchavam para a povoação de mesmo nome, na margem do rio Uruguai, onde chegaram em 9 de maio, para ocupar uma aglomeração já semi-deserta, à exclusão de alguns comerciantes estrangeiros e idosos, como vimos. Acreditava-se que a coluna teria uns 1.500 soldados. Em realidade, o destacamento de exploração comandado pelo coronel Pedro Duarte, sem artilharia, teria uns duzentos cavaleiros e duzentos infantes, como também proposto. [CARDOZO, 1968, v. 2. p. 24; ZEBALLOS, 2015, p. 123 *et seq.*]

Em 10 de maio de 1865, a ocupação de Santo Tomé pela vanguarda paraguaia motivou debandada da população da vila de São Borja para o interior do município. Na ocasião, alguns oficiais, chefes políticos e orientais blancos, fugidos do Uruguai, após a invasão das tropas do Império do Brasil, em associação ao caudilho colorado Venancio Flores [1808-1868], incorporaram-se às tropas paraguaias. Entre eles se encontravam o coronel Orrego, os majores Jan Pedro [1836-?] e Justiniano Salvañac [1837-1910] e o capitão Zipitria. Com a chegada de 1. 500 soldados do Batalhão da Guarda Nacional rio-grandense, comandados pelo coronel Fernandes Lima, para defender São Borja, houve tiroteio entre as tropas nas duas margens do rio Uruguai, no passo do Proença, a uns seis quilômetros acima daquela povoação, sem maiores conseqüências. Muito cerca, nas proximidades de Santo Tomé, no outro lado do Uruguai, em torno de 1. 200 cavaleiros correntinos, mal armados, sob o comando do coronel unitário Simeón Payva [1804 – 1877], seguiam de longe as tropas paraguaias, estabelecendo contatos de pouca monta com os inimigos. [FREITAS, 1935, p. 65 *et seq.*]

No dia 18 de maio, as tropas imperiais ensaiaram travessia do rio Uruguai para juntarem-se à coluna correntina do coronel Payva, sem concluir o movimento, pois teriam faltado os cavalos prometidos pelos argentinos. O ensaio de contra-ataque levou ao recuo do *destacamento de descoberta* comandado pelo major paraguaio. No dia 22 maio, Pedro Duarte e sua vanguarda enfrentaram-se com coluna correntina superior em número, mas mal armada. Sobretudo após a retomada, temporária, em 25 de maio, da cidade de Corrientes, pelos aliancistas, o movimento de retração da vanguarda paraguaia foi

interpretado erroneamente como retirada geral, talvez em direção ao Paraguai, retornando a tranquilidade a São Borja e à região. O serviço de informação dos aliancistas era péssimo ou inexistente e os oficiais imperiais e argentinos subestimavam a capacidade bélica inimiga. Quando a avançada paraguaia soube que os imperiais não atravessavam o rio, retornou sobre seus passos e dispersou os correntinos do coronel Payva. [FREITAS, 1935, p. 68-70; ZEBALLOS, 2015, p. 122 *et seq.*]

Acreditando estar livre a fronteira das *Missões Orientais* da ameaça de invasão, o coronel Antonio Fernandes de Lima, comandante da 1ª brigada da Guarda Nacional, retirou-se com as tropas para seu acampamento no Passos das Pedras, próximo à vila de Itaqui, onde tinha fazenda e residia, a uns oitenta quilômetros ao sul de São Borja. O deslocamento era justificado também por falsos indícios de movimento de tropas paraguaias naquela região. No dia 26 de maio, tomaram também aquela direção otros corpos provisórios da Guarda Nacional da região, sendo concedidas licenças em geral de doze dias a boa parte dos oficiais e soldados. Entretanto, eram incessantes as informações sobre o acúmulo de tropas paraguaias, que se dirigiam para São Borja. Não houve qualquer esforço imperial de acompanhar, com espias, a progressão das tropas inimigas nas Missões ocidentais. [FRAGOSO, 1957, Vol. 2, p. 116-117; FREITAS, 1935, p. 68-70.]

Em *A invasão de São Borja*, o coronel rio-grandense Osório Tuyuty de Oliveira Freitas chama a atenção ao fato de que, continuando a “crescer” as “águas do Uruguai”, e estando desde 15 de maio o rio “campo-fora”, os habitantes de São Borja esperavam confiantes que o contra-almirante rio-grandense Joaquim Marques Lisboa [1807-1897], mandasse subir “uma esquadilha, em seu socorro”, o que impediria ou comprometeria gravemente o cruzamento do rio pelos paraguaios. Durante todo o conflito com o Paraguai, Tamandaré e seu sucessor, o contra-almirantes Joaquim. J. Inácio, mostraram-se sempre reticentes em arriscar seus navios em operações militares, não repetindo o belicismo demonstrado quando da invasão da República do Uruguai. Em 4 de junho, o pernambucano Vicente Ferreira, desertor do exército imperial, que andara com os paraguaios, confirmava, em São Borja, que a vanguarda lopista, em São Tomé, esperava as canoas e o grosso das tropas para atravessarem o rio Uruguai! [FREITAS, 1935, p. 69.]

Reconquista de Corrientes

Com o inverno singularmente chuvoso, o nível dos rios Paraná e Uruguai aumentaram rapidamente. Em 23 de maio, paraguaios capturados informaram ao capitão de navio Francisco Manuel Barroso da Silva, comandante de flotilha imperial no rio Paraguai, que a vila de Corrientes era defendida por apenas 1.500 paraguaios e um navio, o pequeno vapor Pirabebé. No dia 25, contra-ofensiva de tropas comandadas pelo general argentino Wenceslao Paunero [1805-1871], comandante do I Corpo de Exército argentino, transportadas e apoiadas pela armada imperial – oito vapores e dois transportes – reconquistou Corrientes por alguns dias, após renhido combate contra a pequena guarnição que defendia a cidade. O grosso da divisão paraguaia que invadira a província

de Corrientes marchara em direção ao sul, sob a chefia do general Wenceslao Robles, encontrando-se a aglomeração defendida por apenas mil e quinhentos homens e três bocas de fogo. Um outro registro do caráter relativamente limitado das tropas paraguaias. Teria sido apenas após os combates em Corrientes que os aliancistas começaram a “apreciar a coragem selvagem” do soldado paraguaio. [BORMANN, 1897, p. 26. V. 1; PALLEJA, 1960. vol. 1, p. 17; JARDIM, 2015, p. 85 *et seq.*]

A expedição aliancista comportava quase vinte barcos, de guerra e de transporte, sobretudo da Esquadra Naval do Império em Operações [2ª e 3ª Divisão Naval], com quase sessenta canhões, sob comando do capitão de navio Francisco Manuel Barroso da Silva, e mais de quatro mil combatentes, sobretudo argentinos e mercenários argentinos, sob as ordens do general Wenceslao Paunero. As tropas desembarcaram a nordeste da cidade e a defesa paraguaia se concentrou em *La Bateria del Naranjal* [1832], um quartel de forma quadrada, a uns duzentos metros do ponto de invasão, duramente bombardeado pelas embarcações imperiais. Após um renhido combate corpo a corpo, submergidos pelo maior número da infantaria argentina, os paraguaios se retiraram em direção à ponte em alvenaria, sobre o arroio Arazá [Manantiales], que levava à periferia da cidade de Corrientes. A retirada foi apoiada por tropas paraguaias estendidas nas margens, barrancas e na mataria do arroio.

A ponte foi assaltada, à baioneta, pela infantaria argentina, com grandes baixas. Após furioso combate, pelas cinco e meia da tarde, os paraguaios se retiraram da cidade, com seus três canhões, sem serem perseguidos, devido à caída da noite e à falta de cavalaria. Porém, a seguir, tropas correntinas de cavalaria chegaram à cidade e não perseguiram os paraguaios, acampados nas proximidades. Também o ataque à ponte teria sido apoiado pela artilharia embarcada imperial. Sobre ela, com má vontade, mas também com bastante razão, o coronel inglês Jorge Thompson, que lutou ao lado dos paraguaios, proporia: “Los brasileños tuvieron ocasión de descubrir por primera vez una peculiaridad de su táctica [...], hacer fuego siempre [...], sin cuidar si los que mueren son amigos, enemigos o unos y otros, siendo este último caso el mas general [...]” [THOMPSON, 2010, 78; GARMENDIA, 2001, 17-21.]

Os paraguaios teriam tido 120 mortos e 83 feridos; os aliancistas, 69 mortos e 215 feridos, entre eles, muitos oficiais. No dia 27, pela manhã, as tropas assaltantes abandonaram a cidade, embarcando-se, pela noite, permitindo que a guarnição paraguaia a ocupasse novamente. A seguir, chegaram reforços enviados desde a fortaleza paraguaia de Humaitá, na margem esquerda do rio Paraguai. [CARDOZO, 1968, p. 43-5.] Por ordem de Solano López, o major José de la Cruz Martínez, comandante paraguaio da guarnição que defendera Corrientes, foi passado pelas armas, no acampamento do Paso de la Patria, em janeiro de 1866, responsabilizado pela derrota. Tratava-se da primeira vez que se utilizava ativamente a supremacia da marinha de guerra imperial. Apesar do sucesso da

coordenação das forças de terra e fluviais, ela muito raramente se repetiria, até o fim da guerra! [OURO PRETO, 1981, p. 94.; THOMPSON, 2010, p. 78; MARCO, 2007, p. 26.]

O general Wenceslao Paunero decidira-se pelo ataque à vila de Corrientes, já que sabia não ter tropas para fazer frente às poderosas forças de seu tocaio paraguaio, em marcha em direção ao sul. Sabia igualmente não poder manter -se em Corrientes. Em 27 de maio, como vimos, à noite, as tropas aliancistas embarcadas abandonaram aquela cidade. O abandono foi precipitado já que o vice-almirante Barroso negou-se a executar o pedido, por escrito, de Paunero, de bloquear a passagem do rio Paraná pelos reforços paraguaios, que estavam sendo enviados de Humaitá, sob a escusa de não ter práticos para aquele rio. A frota imperial limitou-se a estacionar pouco acima da aglomeração, iniciando o bloqueio do rio Paraná. A seguir, após ser atacada e ser vitoriosa em Riachuelo, a esquadilha imperial seria enxotada, por duas vezes, rio-abaixo, pelos paraguaios, de suas posições, abandonando a maior parte da navegação do rio Paraná aos paraguaios. [FRAGOSO, 1957, Vol. 2, p. 75; CARDOZO, 1968, V. 2. p. 44.]

São Borja – Mouros ao largo!

O recuo do major Pedro Duarte, de Santo Tomé, em 19 de maio, a reconquista transitória da vila de Corrientes, no dia 25 do mesmo mês, a cresça na próxima chegada de canhoneiras imperiais, devido ao transbordamento do rio Uruguai, que permitia sua plena navegação, reforçaram, como vimos, o sentimento de confiança dos moradores de São Borja, que retornaram à aglomeração, praticamente indefesa. Na vila, a vida retomou seu ritmo normal. [GAY, 1980, 23-30.]

Pelas sete horas de 10 de junho de 1865, oficiais imperiais foram informados que paraguaios encontravam-se em grande número diante do passo de São Borja, na outra margem do rio Uruguai. Era o grosso da tropa do tenente-coronel Antonio Estigarribia que chegara a Santo Tomé. Não havia dúvidas sobre a intenção paraguaia de atravessar o rio e invadir o Rio Grande do Sul, através daquele passo. O comandante dos escassos defensores do passo de São Borja – menos de quatrocentos homens – notificou imediatamente ao comando da reserva, na vila, que comunicou o sucesso ao coronel João Manuel Menna Barreto [1824-1869], comandante do 1º Batalhão de Voluntário da Pátria da Corte, acampado a uns doze quilômetros de São Borja, que se dirigiu imediatamente para a aglomeração, a passo acelerado. Por sua vez, Menna Barreto oficiou incontinente, sobre a iminente invasão, ao coronel Antonio Fernandes de Lima, comandante da Brigada acampada no Passo das Pedras, a uns noventa quilômetros de São Borja, ao sul. Dois dias antes, em 8 de junho, o coronel Fernandes de Lima fora informado de concentração de tropas inimigas em Santo Tomé, mas preferira permanecer no seu distante acampamento. O general-historiador Tasso Fragoso anotou sobre a passividade do comandante: “Mas nada disso teve poder de abalar o espírito do referido coronel, que permaneceu imóvel com sua brigada [...] cerca de 80 quilômetros ao sul de São Borja.” [FRAGOSO, 1957, Vol. 2, p. 118.]

Às 9:00 horas, as tropas paraguaias começaram a atravessar o rio Uruguai em vinte canoas - dez, segundo Efraim Cardozo - trazidas do Paraguai em carretas puxadas por múltiplas juntas de boi. Cada canoa portava vinte homens - 25, de acordo ao mesmos autor -, de pé e armados. A travessia, em plena crescente do rio, era difícil e perigosa. Às 11:00 horas, os primeiros paraguaios desembarcaram pouco acima do passo de São Borja, devido ao fogo dos defensores postados naquele passo. Entretanto, os soldados imperiais se retiraram muito logo, deixando o caminho aberto ao inimigo. O desembarque foi atrasado apenas pela dificuldade dos soldados paraguaios de vencerem as embarradas barrancas do rio. [CARDOZO, 1968, V. 2. p. 67; ZEBALLOS, 2015, p. 124.]

Na noite anterior, 9 de junho, quatrocentos soldados haviam sido transportados para a outra margem, próximo ao passo, onde permaneceram à espreita, para apoiar a operação de cruzamento do rio. Sem oposição, real, a travessia das tropas prosseguiu durante os dias 10 e 11, permitindo que uns quatro mil homens da infantaria, cavalaria e artilharia desembarcassem em segurança, levando consigo armas pessoais, canhões, etc. A arriscada travessia do rio, que expunha as tropas invasoras, dera-se praticamente sem combate por parte da infantaria e artilharia de terra e sob a ausência total da armada imperial.

A partida do Paraguai das tropas do tenente-coronel Antonio Estigarribia era do conhecimento das autoridades civis e militares imperiais. Sabia-se que um dos destinos daquele exército, se não o principal, era São Borja. Em 20 de fevereiro, quatro meses antes da invasão, o general David Canabarro noticiara ao presidente da província sulina, João Marcelino de Sousa Gonzaga, que fora informado que dez mil paraguaios se encontravam “em marcha para São Borja”. Informação naquele momento desprovida de base objetiva, apoiada entretanto na mobilização de tropas no Paraguai e na compreensão geral da facilidade de acesso de São Borja desde o Paraguai. [FRAGOSO, 1957, Vol. 2, p. 107 *et seq.*]

Conquista de São Borja

Após a escassa oposição ao desembarque, as tropas paraguaias iniciaram a progressão em direção da parte norte de São Borja, a uns três quilômetros do passo de São Borja, sem lançarem ataque frontal ou tentarem penetrar na vila. Francisco Pereira da Silva Barbosa, jovem voluntário fluminense, escreveu um diário de guerra sucinto que chegou até nós. Nele, relata, que sua tropa, o 1º Batalhão de Voluntários da Pátria da Corte, após chegar a Rio Grande, teria iniciado marcha em direção da vila de São Borja. Postado a uma légua de São Borja, foi notificado do início da travessia das tropas paraguaias do rio Uruguai. Devido a isso, Francisco Pereira e seus companheiros receberam ordem de deixarem as barracas e as mochilas e seguirem, já municiados, “a toda pressa”, para defrontarem o inimigo. Ao chegarem a São Borja, “parte da força” paraguaia atravessara o rio e se colocara em “linha de batalha, ou seja, perpendicularmente ao rio, protegendo a passagem do restante da força”. Os voluntário da

pátria teriam sido recebidos com “tiros de carabinas e a foguetes à congrève” que passaram “rabeando por cima” de suas “cabeças”.

Distendendo-se diante do inimigo, o 1º da Corte teria aberto fogo durante meia-hora. Devido à proposta inferioridade dos setecentos imperiais, diante dos seis mil paraguaios que haviam passado, estavam passando ou passariam, o tenente-coronel João Manoel Menna Barreto ordenara a retirada para praça no centro de São Borja, onde colocara “piquetes em todas as ruas”, para “dar tempo para as famílias se retirarem”. Segundo o jovem Francisco Pereira, em coluna de marcha, com banda de música, à vista e sem ser incomodado pelo inimigo, o batalhão abandonou São Borja, “protegendo sempre as famílias”. Após recuperar as bagagens, seguiu para a pequena vila de Itaqui, também às margens do rio Uruguai.

O combate diante da vila de São Borja não teria sido violento e longo, como sugerido pelo autor do diário, já que o batalhão teve apenas um cadete e dois ou três soldados feridos. Em verdade, nem todas as versões sobre a estréia do 1º da Corte coincidem com a de Francisco Pereira. Em carta escrita imediatamente após os sucessos, em 13 de junho, à sua esposa, o tenente da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, Francisco Marques Xavier, vulgo *Chicuta*, aponta em sentido contrário: “O batalhão de Voluntários da Pátria, no dia em que passaram os paraguaios para este lado [do rio Uruguai], eles estavam uma légua para cá de São Borja e dali seguiram em marcha e foram ao combate onde não resistiram nada. A primeira divisão deu fogo uma vez e tratavam de correr [de tal modo] que não houve mais como dar volta [...]” Nesse momento, os fuzis imperiais e paraguaios exigiam longos minutos para serem municionados pela boca. Portanto, mais comumente, após dispararem as armas, o combate prosseguia com ataque a frontal, à baioneta, o que exigia disciplina e decisão. Ao contrário, os voluntários, após dispararem suas armas, teriam literalmente debandado em direção de São Borja. Não é de se estranhar o comportamento da tropa imperial. Francisco Pereira descreveu seu batalhão como formado por “soldados bisonhos, com pouco exercício”, realizado certamente durante a marcha. E aquela era primeira vez que participavam de um combate. [GAY, 1980, p. 50.]²

Enquanto os paraguaios demoravam-se no ataque à vila, esperando o desembarque geral das tropas e do equipamento, o pânico tomou conta de São Borja. O cônego franco-brasileiro João Pedro Gay, que viveu diretamente aqueles sucessos, registrou: “A população estremecia de susto. Só se ouviam gritos e lamentações pelas ruas que estavam apinhadas de gente. Homens, senhoras, mulheres e crianças, a maior parte descalços, com

² [ESTIGARRIBIA, 1965, p. 131; BARBOSA, Francisco Pereira da Silva. Diário da Campanha do Paraguay, 9 de abril de 1870; <http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=125774&topico=2964054>

lágrimas nos olhos, com os cabelos desgrenhados, carregando à cabeça e nos braços um filho e um atado de roupa, procuravam fugir [...].” [GAY, 1980, 52.]

Em poucas horas, os habitantes de São Borja partiram, “alguns em carretas, vários a cavalo, quase todos a pé”, “quase unicamente com a roupa do corpo”, “felizes de não caírem prisioneiros e de salvarem suas vidas”. Com a população, “à boca-da-noite”, partiram igualmente as tropas que deviam defender São Borja, aproveitando que os paraguaios se encontravam concentrados fora da vila concluindo a passagem das tropas do rio Uruguai. Após o cruzamento do rio, São Borja era entregue aos invasores praticamente sem resistência. [GAY, 1980, 52-53.]

Saque Geral

Em 12 de junho, as tropas paraguaias entraram na abandonada vila. Semi-deserta desde o dia anterior, São Borja foi saqueada de 13 a 18 de junho, permitindo que as forças imperiais e os habitantes da vila e da redondezas avançassem a retirada sem serem incomodados. O cônego João Pedro Gay descreve em cores vivas a debandada da população de São Borja e das vizinhanças. Na “estrada para Porto Alegre” rodavam “mais de 300 carretas, fora o grande número de pessoas que iam a cavalo e a multidão que ia a pé.” Segue o bom cônego, que participou da desorganizada fuga: “Os homens que haviam escapado ao rigoroso recrutamento da Guarda Nacional, e mesmo alguns soldados, tocavam as carretas dos imigrantes, tocavam ao mesmo tempo cavalos e algum gado para municio.” Os retirantes eram impulsionados por boatos, sem fundamentos, de estupros, de degolas, de proximidades das tropas inimigas. [GAY, 1980, 56].

Apesar de sua pequena dimensão, São Borja, com onze ruas, era o mais importante centro comercial na fronteira missioneira do Rio Grande. Organizado pelo comando paraguaio, foram saqueadas, no mínimo, quinze estabelecimentos públicos; dezesseis casas de negócios; um depósito do exército; alfaiatarias, sapataria, ferrarias, carpintarias, açougues, olarias, bilhar, café e em torno de sessenta moradias. Em geral, foram saqueados os prédios abandonados. Foram necessários cinco dias para que a rica presa fosse transferida para a outra margem do rio Uruguai, de onde partiu para o Paraguai, em carretas que levavam também soldados doentes e feridos. Do mesmo modo procedeu-se mais tarde com a vila de Itaqui. Com o produto do saque, Solano López esperava seguir a proposta de Napoleão Bonaparte, em suas campanhas, de que a *guerra financiasse a guerra*, aliviando a pressão posta pela mobilização geral que debilitara o Paraguai. [GAY, 1980, p. 68 *et seq.*; 89, 108.]

Nesse então, os exércitos não possuíam qualquer coisa que se assemelhasse ao corpo de Intendência, que começou a ser ativado, nas forças armadas de primeira linha do Brasil, apenas quando da expedição contra Canudos, em 1896. Mais tarde, em carta ao general Resquín, de fins de julho de 1865, o *mariscal*-presidente imputou ao general Wenceslao Robles, caído em desgraça, a falta de vestuário da tropa da *División*

Expedicionária del Sur. Registrava na ocasião que “uno de los objetivos de la expedición al Empedrado, Bellavista y Goya” fora precisamente abastecer aquelas tropas em tudo que necessitava. Entretanto, Corrientes, de 1865, não era a Europa, do início do século, rica em manufaturados e em alimentos.³

Em 1888, mais de vinte anos após os fatos, o agora general Pedro Duarte, então ministro da guerra da República do Paraguai, em importante depoimento ao político, diplomata e intelectual argentino Estanislao Zeballos, propôs que, em São Borja, ele e Estigarribia receberam ordens de Solano López de avançarem até Itaqui, onde esperariam a chegada de Wencelao Robles e suas tropas - eventualmente comandadas pelo próprio *mariscal*. Esse seu depoimento registra o desconhecimento do destino final das duas divisões e corrobora a hipótese de eventual unificação das mesmas, para marcharem em direção de Porto Alegre, onde Solano López esperaria por fim à guerra com uma grande batalha. [MAESTRI in ZEBALLOS, 1865, p. 20-35; ZEBALLOS, 2015, 124-125.]

Segundo Pedro Duarte, as ordens dadas a Estigarribia pelo *mariscal*-presidente determinavam igualmente que acampasse fora e jamais dentro de nenhum *pueblo* do Rio Grande do Sul, para não causarem danos aos civis, explicação certamente *pós-facto*. A advertência era para que as tropas não perdessem a mobilidade, sendo cercadas pelo inimigo. Segundo Duarte, as desinteligências entre ele e Estigarribia teriam começado desde os momentos iniciais das operações. O major Duarte declararia igualmente a Estanislao Zeballos que Solano López escrevia a Estigarribia e a ele, ao mesmo tempo, para desgosto do primeiro que se sentiria, com toda a razão, diminuído em sua autoridade. [ZEBALLOS, 2015, p. 122-131.]

Segundo João Pedro Gay, moradores de São Borja permaneceram na cidade participando do saque, junto com os paraguaios, ou após a retirada dos mesmos, realizando verdadeiros depósitos de objetos roubados. Após o abandono da vila pelos invasores, o juiz municipal determinou algumas prisões e abriu diligências. O mesmo aconteceu mais tarde na vila de Itaqui, onde os saqueadores *tupiniquins*, mais rápidos, teriam atacado a vila abandonada, antes da chegada dos saqueadores *guaranis*. Houve também rio-grandenses que se fizeram passar por provedor das tropas imperiais, para melhor lançar mão sobre vacuns, cavалares e bens alheios. Desertores, delinquentes e oportunistas saquearam estâncias que distavam até duzentos quilômetros de São Borja e Itaqui, regiões onde os paraguaios jamais puseram o pé. Nos seus deslocamentos, as tropas provinciais serviam-se dos gados e das cavалhadas dos estancieiros e, não raro, os soldados imperiais depredavam propriedades visitadas.

Churrasco Livre

Em 4 de julho de 1865, o oficial da guarda nacional rio-grandense, Francisco Marques Xavier, *Chicuta*, assinalava, em carta à esposa: “Nada se respeita, a ordem tem

³ Comunicaci3n al general Resquín [sobre] la conducta de Robles. Humaitá, 28 de julho de 1865. [LÓPEZ, 1996, p. 120.]

sido confiscar.” Comentava sobre os soldados rústicos arrolados comumente à força no norte do Rio Grande do Sul, sua região: “[...] não é mais uma gente braba do Passo Fundo que brigava por carne com farinha e erva”. Naquele momento, atacando sem dó os gados dos proprietários da região, os soldados só usavam para alimentar-se “da chuleta da carne”![FERNANDES, 1997, 50; GAY, 1980, 99, 100.] Em uma distância de até cinqüenta quilômetros, mais de sessenta estâncias circunvizinhas a São Borja foram visitadas por vanguarda paraguaia, arrebanhando-se gado cavalari e muar que, segundo parece, terminou não sendo totalmente evacuado para o Paraguai, já que, ao retornar a São Borja, o grosso da tropa partira para a vila de Itaqui. No geral, as sedes das estâncias eram queimadas, ainda que a população não fosse gravemente molestada. [GAY, 1980, 65, 78.]

Referindo-se ao saque de São Borja, o tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia escreveu a Solano López: “Después de haber entregado la población al libre saqueo de los soldados, en horas determinadas para cada cuerpo, conforme las instrucciones que V. Exa. se sirvió darme, recogí algunos géneros que en esta fecha, remito al major Duarte para que a su vez los envíe a villa de Encarnación [Itapúa].”⁴ O soldado paraguaio era disciplinado, possuindo nível cultural relativamente elevado para a época e região. Em verdade, muitos deles sabiam ao menos ler, o que era raro na Argentina, no Uruguai e no Império do Brasil. O saque determinado e organizado pelo comando procuraria suprir as insuficiências de abastecimento – uniformes, alimentos, etc. – e consolidar o apoio à operação que contaria com consenso discutível entre a tropa, formada sobretudo por camponeses, cada vez mais distante de suas moradias e interesses. Com o saque, gratificava-se a oficialidade e financiava-se ao menos parcialmente a operação. Perdia-se entretanto qualquer possibilidade de consenso e apoio entre a população atacada.

No dia 19 junho, o tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia e suas tropas abandonavam São Borja e seguiam para a vila de Itaqui, enquanto, na outra margem do rio, marchava no mesmo passo a coluna menor comandada pelo major Pedro Duarte. Vinte canoas, com cinco tripulantes cada uma, faziam a ligação entre as duas margens do rio Uruguai, que a marinha imperial não se preocupava em por sob seu controle. Por esses dias, foram remetidos para a vila de Encarnación, no Paraguai, 117 praças de pré da infantaria e cavalaria, feridos nos combates e, sobretudo, doentes, que requeriam maiores cuidados.⁵

Antes de marchar para Itaqui, Estigarribia determinara que o major José del Rosário López, à frente de quatrocentos cavalarianos, alcançasse as carretas dos

⁴ Parte de Juan de la Cruz Estigarribia a Francisco Solano López, S. Borja, 14 de junho de 1865. [ESTIGARRIBIA, 1965, p. 131.]

⁵ Parte de Juan de la Cruz Estigarribia a Francisco Solano López, Sant’Ana, 20 de junho de 1865. [ESTIGARRIBIA, 1965, p. 158.]

retirantes de São Borja que fugiam pelo caminho de Alegrete, para se apoderar dos bens transportados. Em 25 de junho, na margem meridional do arroio M'Butuí, o destacamento comandado pelo capitão José del Rosário López defrontou-se sem maiores conseqüências com tropas imperiais que se deram à fuga. No dia seguinte, 26, pelas oito horas, o capitão López e seus quatrocentos homens enfrentaram tropas imperiais da guarda nacional, sob a direção do coronel Fernandes Lima, que recebera reforço de mais mil soldados, trazidos pelo coronel Sizefredo Alves Coelho.

A tropa imperial se encontrava em boa parte armada de rifles, com um alcance duas vezes superior ao das armas de pederneira paraguaias, e possuía importante cavalaria, bem montada. Os imperiais teriam assaltado os paraguaios, embretados em um banhado, que, diante da superioridade do inimigo, viraram “o cano de suas espingardas para o chão”. Vendo o sinal de rendição não respeitado, os lopiztas ensaiaram oposição, em quadrado, desmontados, apesar da superioridade do inimigo. A seguir, debandaram, procurando a proteção das matas e banhados. A força paraguaia teve 236 baixas, entre elas, 116 mortos. Ou seja, tiveram mais de cinquenta por cento de seus combatentes atingidos. Os paraguaios prisioneiros foram passados pelas armas. Os imperiais teriam tido apenas 110 baixas, entre mortos e feridos.

O que restou da força paraguaia retirou-se, sem ser perseguida, reunindo-se ao grosso da divisão, após uma difícil e longa marcha. A batalha do arroio M'Butuy foi a única resistência anteposta pelos imperiais à progressão paraguaia no Rio Grande do Sul. Em 6 de julho, no Paraguai, o “Boletín del Ejército en Campaña” noticiou que as tropas nacionais teriam obtido em M'Butuy “completo triunfo” causando perdas de uns “500 soldados y muchos jefes y oficiales” aos imperiais. Após o confronto, o coronel Fernandes oficiou ao comandante militar provincial, o tenente-general João Frederico Caldwell, pedindo dois mil ponchos, para seus homens que dizia quase nus, além de barracas, que não dispunha, para protegê-los das pesadas chuvas. [CARDOZO, 1968, V. 2. p.109; GAY, 1980, p. 9197 *et seq*; FRAGOSO, 2010: 126; JARDIM, 2015, 128-130.]

De Itaqui a Uruguaiana - Um Passeio

No dia 7 de julho, a coluna paraguaia entrou na vila de Itaqui, onde permaneceu por oito dias, possivelmente à espera de instruções. A povoação era relativamente nova e acanhada, tendo crescido devido ao comércio de erva-mate. Ela possuía sobretudo casas em adobe e teto de palha – apenas alguns negócios e moradias mais ricas eram construídos em alvenaria e telhadas. O saque à vila, por soldados, oficiais e pelo Estado paraguaio rendeu alguma coisa, mesmo tendo a vila sido abandonada pela maioria da população. A retirada dos mais valiosos pertences fora feita em embarcações, nos 11-12 de junho, após chegar a notícia, à meia-noite do dia 10, do ataque à São Borja. O produto do saque foi distribuído em parte entre as tropas das duas margens do rio Uruguai, sendo

enviado o restante em barcos para Encarnación/Itapúa, já que a frota imperial não se fazia presente, por razões desconhecidas, deixando a navegação livre aos paraguaios. A navegação, totalmente conhecida dos brasileiros, tornara-se ainda mais fácil, devido ao desbordamento do rio Uruguai. Na mesma direção foram enviados poucos menos de 120 feridos e doentes. Na vila de Itaqui, foram encontrados “espingardas, lanças, espadas e muitos cartuchos de calibres 18”.

A progressão paraguaia em direção à vila de Uruguaiana não fora determinada pelo *mariscal* e contraditava suas ordens diretas. Em 13 de julho, o tenente-coronel Estigarribia recebera ordens de marchar, ao longo do rio Uruguai, até o rio Ybicuí, a uns 36 km de Itaqui, onde deveria esperar novas instruções. [CARDOZO, 1968, p. V. 2. p. 113.] Até então, a marcha se dera sob tempo chuvoso e particularmente frio, sem tendas, sem uniformes de inverno e sem calçados. A decisão de atravessar o rio era paradoxal. A ultrapassagem do caudaloso Ibicuí punha em risco a infantaria, cavalaria, carretas, canhões e bagagens. Estigarribia tinha a consciência que podia ser atacado, pela retaguarda, pelas tropas do coronel Fernandes Lima e, desde a margem meridional, pela importante força do brigadeiro David Canabarro. Uruguaiana talvez lhe atraísse sobretudo por que prometia os recursos que faltavam, fazendo penar suas tropas.

Nos dias 18-19 de julho de 1865, na margem setentrional do rio Ibicuí, desobedecendo a ordem expressa do *mariscal*, Estigarribia inicia o cruzamento de suas tropas, através do Passo de Ibirocaí, para, a seguir, continuar em sua marcha ao longo do rio Uruguai, sempre acompanhado, pela coluna Duarte, sua sombra, na outra margem, em território argentino. Sua justificativa foi que, naquele momento, a passagem do rio era pacífica. Na difícil travessia, as tropas foram apenas hostilizadas por meio milhar de imperiais que preferiram não estabelecer combate. Estigarribia estranhou a facilidade da ultrapassagem do Ibicuy que se deveu, segundo ele, à negativa dos imperiais, comandados por David Canabarro, de “disputar-nos a passagem deste rio, que apresentava vantagens imensas ao inimigo”. Escreveu ao *mariscal* que esperava poder comunicar “dentro de poucos dias” que a vila de Uruguaiana se encontrava em mãos paraguaias.⁶

No dia 28 de julho, Estigarribia recebia novas ordens de Francisco Solano López: “Ya que no ha cumplido mis órdenes y ha pasado el Ybicuy, se le ordena nuevamene continúe su marcha havia la Uruguayana, donde se hará de viveres y en seguir passará a tomar Alegrete, previniéndole, como antes, no acampar dentro de las poblaciones para evitar aí el perigo de ser sitiado por el enemigo.” [CARDOZO, 1968, V. 2. p.138.] Solano López mandava, igualmente, quinze mil pesos fortes para a compra de uniformes de inverno! Ou seja, não pretendia prover as tropas apenas com o saque. Estigarribia desobedeceu o *mariscal* duplamente: após ocupar Uruguaiana, acampou no interior da

⁶ Parte de Juan de la Cruz Estigarribia a Francisco Solano López, Campo de marcha, Ibicuí, em [...] de julho de 1865. [ESTIGARRIBIA, 1965, p. 175.]

vila, e jamais se dirigiria para Alegrete, a uns 130 km, a leste, no interior da província sulina, no caminho de Porto Alegre.

Muita Conversa e Nenhum Combate

Ao saber da invasão de São Borja, o tenente-general João Frederico Caldwell [1801-1873], nascido no Rio de Janeiro, comandante de armas da província sulina, oficiara que a 1ª Divisão das tropas imperiais no Rio Grande do Sul deixasse a proteção da fronteira sul e marchasse em direção ao inimigo, para fazer-lhe frente na travessia do rio Ibicuí, onde seria igualmente atacado pelas tropas que se encontravam na margem setentrional. O brigadeiro sul-rio-grandense David Canabarro mostrou concordância com aquela determinação. No dia 19 de julho, Canabarro pediu reforços de infantaria ao general Manuel Luís Osório [1808-1879], também do RS. O comandante das tropas estacionadas no Uruguai negou-lhe prontamente o pedido, pois apenas preocupava-se com a possibilidade, quase inexistente, da divisão de Wancelao Robles dirigir-se para aquela república. “Lamento – escreveu Osório – não poder voar à parte do território de minha pátria invadida pelos bárbaros, porém entendo que devo primeiro que tudo sustentar os compromissos nacionais da Aliança e o centro donde devem partir as operações com segurança.” [FRAGOSO, 1957, v.2, p. 138.]

Em 9 de julho, o tenente-general Caldwell juntou-se a Canabarro nas pontas do Ibirocaí, de onde a 1ª Divisão partiu, apenas no dia 16, para as margens do rio Ibicuí, ali chegando no dia 21, quando os paraguaios iniciavam a travessia. Em vez de lançarem as tropas sobre os inimigos, com uma perna em cada lado do rio, o tenente-general Caldwell reuniu-se, em conselho, na noite do dia 21, com o general Canabarro e os coronéis José Alves de Valença e João Manuel Menna Barreto, recebendo a total oposição do ex-farroupilha ao ataque, apesar de ele, anteriormente, ter proposto, por escrito, reiteradas vezes, a oportunidade do ataque naquele ponto. [FRAGOSO, 1957, v.2, p. 144.]

Os demais oficiais presentes apoiaram a decisão de Canabarro de que nada se fizesse. O tenente-coronel Antonio de la Cruz Estigarribia iniciara, no dia 18 julho, a difícil passagem do rio Ibicuí, inundado pelas chuvas, concluindo-a no dia 23, sem ser incomodado, fora algumas escaramuças inócuas travadas na margem setentrional. Sem dar combate, as tropas imperiais procederam retirada diante do avanço da coluna paraguaia que terminaria apenas com a entrega de Uruguaiana, praticamente sem combate, ao igual do que se fizera em São Borja. Ao escrever ao presidente da Província sobre a desistência diante do inimigo, o tenente-general Caldwell, registrou: “Como reconheço no meu velho camarada longa prática e proficiência na guerra da província, com ele concordei.” [FRAGOSO, 1957, v.2, p. 144-3.]

Nos dois lados do rio, as tropas imperiais somavam em torno de 6. 500 homens – eram, no entanto, sobretudo guardas nacionais, sem treino sistemático para a guerra, com escasso armamento, apesar dos já longos meses aquartelados. A seguir, as tropas comandadas por Caldwell, em contínua retirada, foram fortalecidas por mais de três mil

homens, da 2ª Divisão, comandada pelo barão do Jacuí, armados em parte com modernas carabinas francesas. Após a passagem do rio Ibicuí, o general Caldwell reuniu novamente em conselhos de guerra seus oficiais superiores que continuaram aconselhando que não desse combate ao inimigo nos passos do rio Toropasso e do rio Imbaá. [FRAGOSO, 1957, p. 114.]

No dia 5 de agosto, o brigadeiro David Canabarro chegou a exigir do general Caldwell que desse ordem escrita para executar o ataque proposto. O chefe de armas da província escreveria sobre aqueles fatos ao ministro da guerra: “O exército paraguaio, com passo ufano, marchava para nossa florescente vila de Uruguaiana; não pude encará-lo; tentando um último esforço, chamei à minha presença os comandantes das divisões e brigadas, para concertarmos o plano de atacar tão arrojado cometimento; todos, à exceção do Barão do Jacuí, responderam sem preâmbulos que achavam impossível podermos derrotar o inimigo, a menos que tivéssemos mais 4. 000 mil homens de infantaria! E o mais acérrimo nessa opinião era o próprio Brigadeiro Canabarro!” Para justificar sua decisão, o tenente-general João Frederico Caldwell referiu-se à correspondência que Canabarro lhe mostraria, recebida pelo brigadeiro de parte do próprio ministro da guerra, que lhe “recomendava que não *arriscasse uma batalha sem todas as probabilidades de triunfo.*” Entretanto, a responsabilidade era, em última instância, toda, de Caldwell. [FRAGOSO, 1957, v.2., p. 1486.]

Apesar do enorme sucesso no Rio Grande do Sul, devido à aleivosia dos chefes militares imperiais, a situação da expedição Estigarribia-Duarte era cada vez mais preocupante. Em 11 de junho, a batalha do Riachuelo confirmara a total hegemonia fluvial do Império sobre o rio Paraná, caso a sua marinha se dispusesse a exercê-la. Agora, o vapor *Uruguai* e dois lanchões artilhados, sob o comando do jovem tenente Floriano Peixoto, do exército de primeira linha, seguiam pelo rio acompanhando as duas colunas, dificultando as comunicações e impedindo a eventual junção entre elas, sem perdas. Em 31 de julho, o vapor e os lanchões teriam sido atacados, desde as margens, por canhão e por infantes paraguaios, com alguns poucos danos. [CARDOZO, 1968, V. 2. p. 139-40; ZEBALLOS, 2015, p. 122-131.]

Nos dias 31 de julho e 1º e 2 de agosto de 1865, a pequena esquadilha, de Floriano Peixoto, desbaratara, aprisionara e afundara diversas canoas paraguaias. A seguir, o tenente se celebrizou por sua ação no comando do vaporzinho durante o combate de Yatay. Era o exército desempenhando o papel da armada! Floriano Peixoto seria discriminado pela elitista oficialidade, devida a sua origem racial. Décadas mais tarde, após destacar-se como o “*Consolidador da República*”, foi definido pelo então general Dionísio Cerqueira, filho de tradicional família de senhores de terras e de homens na Bahia, como “caboclo muito mitrado”, ou seja, ladino! [CERQUEIRA, 1980, p. 88.] Era, portanto, fictícia a proteção mútua assegurada pela proximidade das duas colunas. Não se necessitava de visão tático-estratégica napoleônica para compreender que a única solução

era retirada acelerada em direção da terra natal, já certamente problemática, devido à necessidade da ultrapassagem dos caudalosos rios e à dificuldade de abastecimento das tropas.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BORMANN, José Bernardino. *História da guerra do Paraguai*. Curitiba: Jesuino Lopes, 1897. v.1.
- CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: cronicas de la guerra de 1865-1870*. Publicadas en “La Tribuna” de Ascunición en el Centenario de la Epopeya Nacional. Maps de Roberto Thompson. 2 ed. Asunción: EMASA, 1968. V. 2
- CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. 1865-70. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- ESTIGARRIBIA, Antonio. Ocupação de Uruguaiana: diário militar. Revista Militar Brasileira, ano LI, n. 4, out. /dez. 1965, vol. LXXVIII,
- FERNANDES, Ari Carlos *et al.* (org.) *Coronel Chicuta: Um passofundense na Guerra do Paraguai*. Passo Fundo: EdiUPF, 1997.
- FRAGOSO, Gel. Augusto Tasso. *História da Guerra entre Triplice Aliança e o Paraguai*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956. v. I.; 1957, v. II.
- FREITAS, Osório Tuyuty de Oliveira. *A invasão de São Borja*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- GAY, Eduardo Pedro. *A invasão paraguaia na fronteira brasileira do Uruguai, pelo cônego [...]*. Comentada e editada pelo major Sousa Docca. Porto Alegre: 5. IEL/EST/UCS, 1980.
- GARMENDIA, José Ignacio. *La cartera de un soldado: bocetos sobre la marcha*. Buenos Aires: Elefante Blanco, 2001.
- JARDIM, Wagner. *Longe da Pátria: a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e a rendição em Uruguaiana*. Porto Alegre: FCM Editora; Passo Fundo, PPGH UPF, 2015.
- MARCO, Miguel Ángel de. *La guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Emecé, 2007.
- LÓPEZ, Francisco Solano. *Cartas y proclamas*. Asunción: El Lector, 1996.
- MAESTRI, Mário. *Paraguai: a República Camponesa*. Porto Alegre: FCM Editora; Passo Fundo, PPGH UPF, 2015.
- MAESTRI, Mário. Estanislao Zeballos: La historia prometida de la Guerra del Paraguay. ZEBALLOS, Estanislao. *Historia de la Guerra del Paraguay: Relatos y memorias en primera persona*. [Fondo Estanislao Zeballos]. Org. Romano, Adrea Turré et al.

- Buenos Aires: Ministerio de Cultura & Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto, 2015. p. 20-35.
- OURO PRETO, Visconde. *A Marinha d'outrora: subsídios para a historia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha. 1981.
- PALLEJA, León. *Diario de la campaña de las fuerzas aliadas contra el Paraguay*. Montevideo: Biblioteca Artigas, 1960. vol. 1.
- TEIXEIRA, Barcellos Teixeira. *A primeira Guerra do Paraguai: A expedição naval do Império do Brasil a Assunção (1854-5)*. Passo Fundo: Méritos, 2012.
- THOMPSON, George. *La guerra Del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2010.
- ZEBALLOS, Estanislao. *Historia de la Guerra del Paraguay: Relatos y memorias en primera persona*. [Fondo Estanislao Zeballos]. Org. Romano, Adrea Turré et al. Buenos Aires: Ministerio de Cultura & Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto, 2015. p. 20-35
- NASCIMENTO, F. de A. de S. & TAMANINI, P. A. (Org). *História, Cultura e subjetividades: abordagens e perspectivas*. Teresina: ADUUPI, 2015. pp. 181-202.